

REDES SOCIAIS E REELABORAÇÕES DE GÊNEROS*

Júlio Araújo (Hiperged/UFC)
Sayonara Melo Costa (Hiperged/UFC)

1 Introdução

O fenômeno da reelaboração de gêneros já vem sendo estudado no grupo de pesquisa Hiperged da UFC há algum tempo, mas sob a rubrica de transmutação (LIMA-NETO, 2009; ARAÚJO, 2010). Foi a partir da pesquisa de Costa (2010) que o fenômeno passou a ser estudado como reelaboração de gêneros¹, escolha também adotada para este artigo e outras pesquisas do grupo (S. COSTA, 2012). Mas a ideia original da transmutação procede de Bakhtin ([1929] 2000) que, ao refletir sobre os gêneros do discurso, mostrou que gêneros secundários, de feições mais institucionalizadas, nascem dos primários, oriundos de esferas comunicativas mais informais ou menos institucionalizadas. É fato que a complexificação que a internet causou nas relações humanas permitiu, senão a emergência, a transmutação de muitos gêneros para organizar as práticas interativas das pessoas conectadas à web. Nesse sentido, Araújo (2006; 2010) estudou os chats na perspectiva do fenômeno da transmutação, mostrando como as diversas modalidades de bate-papo têm contrapartes fora do ambiente digital online. Zavam (2009) propôs subcategorizações para o termo transmutação: **transmutação criadora**, quando um gênero surge de outro, e a **transmutação inovadora**, quando as alterações sofridas por um gênero só o modificam em suas feições internas, sem dar origem a um gênero distinto. Segundo ela, a transmutação inovadora pode ser de natureza **interna**, “quando as transformações que ocorrem no gênero não se prendem a um outro gênero, da mesma esfera ou não, mas a contingências de seu percurso histórico [...]” (ZAVAM, 2009, p. 61) ou de natureza **externa**, quando há a inserção de um gênero em outro.

Com base nessas considerações, o objetivo geral deste artigo é o de descrever os gêneros que organizam as práticas discursivas nas redes sociais Twitter e Facebook, considerando o *continuum* entre a estandardização e a emergência que caracteriza o fenômeno de reelaboração criadora de gêneros.

2 Dos principais gêneros praticados nas redes sociais

* UEADSL 2013.1

¹ Optamos pelo termo reelaboração pelas explicações dadas por Costa (2010) a cuja leitura remetemos o leitor deste artigo.

A considerável liberdade criadora proporcionada pelos sites de redes sociais permite que os usuários experimentem diferentes formas de interação, indo, por vezes, muito além daquelas oferecidas pelos sistemas. Neste contexto, a manipulação de gêneros se faz presente e seu exercício satisfatório leva à produção de novos gêneros a partir da reelaboração criadora. Nesse sentido, ao observarmos os dados, identificamos os seguintes padrões de gêneros usados como “ingredientes para mistura” protagonizada pelas pessoas. No Twitter, encontramos aulas, boas vindas, citações, conversas, letras de música, lide jornalístico, memes, artigos de opinião, piadas, previsão do tempo, anúncios, provérbios, tutoriais, etc. No Facebook, encontramos os seguintes padrões: piadas, poemas, citações, roteiro de novela, notícia, fórum, quadrinhos, chat, provérbios, anúncios, verbetes, editoriais, etc.

Contatamos que para a composição das 70 postagens que fazem parte do nosso corpus referente ao Twitter foram mobilizados 15 diferentes padrões genéricos, sendo o mais recorrente, o modelo de questão de vestibular que pode ou não ocorrer mesclado aos outros padrões listados acima. Já o Facebook apresentou 17 diferentes padrões genéricos mobilizados na composição de suas postagens, sendo maior a incidência daqueles que se relacionavam à divulgação de características identitária.

3 Dos processos de reelaboração de gêneros ocorridos no Twitter e Facebook

Nas postagens que compunham o *corpus* referente à rede social Twitter, encontramos a predominância da reelaboração criadora, esse processo pode ser observado no exemplo ao lado².



Nesse exemplo, observamos a postagem de um ‘quiz’, que é assim nomeado pelo usuário autor do *tweet*. Embora presente, em sua composição, versos de uma letra de música e tenha por intuito gerar riso (piada), ainda assim, essa imbricação de gêneros é reconhecida como ‘quiz’ tanto pelo primeiro usuário, o que postou a mensagem, quanto pelo usuário que marcou a opção ‘correta’ e retuitou o *tweet*, demonstrando, assim, concordância com a situação criada. A reincidência desse padrão genérico nos exemplos do corpus revela uma tendência à estabilização desse arranjo, o que nos dá um forte indício do que seria criação de um novo modelo de ‘quiz’, ambientado no Twitter, detentor de um padrão genérico específico e configurado como uma variação do ‘quiz’ já estandardizado, sem, contudo, tratar-se do

² Exemplo de reelaboração criadora com inclinação estandardizada ambientada no Twitter

mesmo gênero. A essa cadeia de constatações relacionamos a ocorrência da reelaboração criadora de inclinação estandardizada, pelos motivos descritos acima. A ocorrência de reelaborações criadoras tanto emergentes quanto estandardizadas observadas no Twitter revela-nos que, apesar da aparente limitação imposta pelo número de 140 caracteres suportados pelas postagens, os usuários seguem encontrando formas de se destacarem dentro dessa rede social, mobilizando, para tanto, diferentes padrões genéricos, que culminam na criação de gêneros, por vezes, inéditos.

Já no Facebook, as possibilidades criadoras são ainda maiores, uma vez que esta rede social, ao contrário do Twitter, possibilita a mobilização de diferentes modos semióticos na constituição das postagens, que vão desde a escrita, passando por imagens, áudio e vídeos. Nesse contexto, a ocorrência de reelaborações criadoras é predominante e seus produtos são largamente diversificados, conforme mostra o exemplo ao lado³.



Nesta postagem, observamos a apropriação feita pela usuária do formato de um anúncio ou de um “currículo” que, ao ser transportado para a rede social, ganhou um tom irônico, uma vez que seu propósito maior deixou de ser oferecer um serviço ou produto e deslocou-se para a descrição e crítica das práticas sociais ambientadas na rede. Por mais que a forma remeta-nos a um gênero específico, é notório o fato de não tratar-se este caso de um anúncio prototípico e sim de um novo gênero, derivado deste. Tomando por base o *continuum* que sistematiza nossa análise, podemos situar a prática aqui descrita como uma reelaboração criadora de inclinação estandardizante, por remeter a um gênero já conhecido, sem, contudo, praticá-lo, dando origem a um novo padrão, por ele inspirado.

4 Considerações finais

Análise da reelaboração de gêneros no contexto das duas redes sociais contempladas nesta pesquisa revelou-nos resultados distintos para cada uma delas. No Twitter, observamos uma maior incidência da reelaboração criadora de inclinação estandardizada, uma vez que gêneros diversos são mobilizados no intuito de comporem postagens que, apesar do espaço

³ Exemplo de reelaboração criadora de inclinação estandardizada ambientada no Facebook

limitado aos 140 caracteres disponibilizados pelo site, primam pela criatividade e pelo tom, na maioria das vezes, humorístico de seus conteúdos, o que as aproxima da piada. Em nosso corpus, obtivemos exemplos nos quais até 3 padrões genéricos distintos foram mobilizados para compor piadas no Twitter. A possibilidade de identificação do gênero resultante do processo de mesclagem é o que caracteriza a reelaboração criadora de inclinação estandardizada, conforme explicitou Costa (2010).

Já no Facebook, o processo de mesclagem apresenta um viés menos diversificado, quando comparado àquele desenvolvido no Twitter. Em sua maioria, provenientes de memes, os gêneros praticados nesta rede social, prestam-se, geralmente à explicitação de pontos de vista, atrelados à temática do humor, sem, contudo, converterem-se em piadas. Sua dinâmica de criação e propagação também é motivada pelo acúmulo de capital social e os produtos dessas reelaborações não são facilmente identificáveis, apesar dos gêneros envolvidos em seu processo de construção. Esse estranhamento diante do novo, o que dificulta a identificação e nomeação do gênero resultante, confere a esse fenômeno a tipologia de reelaboração criadora de inclinação emergente, uma vez que o produto desse labor não está totalmente estabilizado a ponto de ser reconhecido, encontrando-se, na verdade, em estado de emergência.

5 Referências

ARAÚJO, J.C. *Os chats: uma constelação de gêneros na Internet*. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2006.

_____. Transmutação de gêneros na web: a emergência do chat. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010 p. 109-134.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

COSTA, R. R. *A TV na web: percursos da reelaboração de gêneros audiovisuais na era da transmídia*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2010.

COSTA, S. M. *Tweet: reelaborações de gêneros em 140 caracteres*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2012.

LIMA-NETO, V. *Mesclas de gêneros no Orkut: o caso do scrap*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2009.

ZAVAM, A. S. *Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de tradição discursiva: um estudo com editoriais de jornais*. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2009.